

Um verme pela manhã, outro à noite

Pesquisas sugerem que ingerir parasitas ajuda a combater doenças autoimunes, como diabetes e inflamações intestinais. A terapia ainda é experimental, mas já conta com adeptos

» PALOMA OLIVETO

Elas são nojentas, fazem mal à saúde e, por isso, muita gente passa boa parte da vida tomando remédios para evitá-los. Ainda assim, há quem atravesse oceanos para comprar os mais variados tipos de vermes, com o objetivo de inseri-los no organismo. A chamada helmintoterapia pode parecer loucura, mas, de acordo com pesquisas internacionais, é promissora no tratamento de doenças autoimunes — aquelas em que as células de defesa começam a atacar o corpo sem motivo aparente, resultando em males como diabetes tipo 1, lúpus e alergias.

Em nenhuma parte do mundo, exceto no México e na Tailândia, a terapia tem aval das agências regulatórias. Nos Estados Unidos, na Austrália e em países da Europa, universidades

e institutos de pesquisa têm realizado estudos desde a década de 1980, mas apenas de forma experimental. No Brasil, não há registros de pedidos para a realização de testes semelhantes.

Muitos pacientes de doenças autoimunes, entretanto, ignoram a proibição oficial e vão atrás dos vermes. Foi graças à “automedicação” de um americano, em 2004, que o parasitologista P’ng Loke, professor do Centro Médico Langone, da Universidade de Nova York, decidiu pesquisar o assunto. Acabou publicando, no ano passado, um artigo na renomada revista médica *Science Translational Medicine*.

Em 2003, o homem, um californiano com então 28 anos, foi diagnosticado com colite ulcerativa, doença inflamatória crônica do intestino que causa extremo desconforto. O quadro do pa-

ciente era severo, e ele precisou ser medicado com drogas fortes. “Em 2004, os médicos acharam que a única solução seria retirar seu cólon”, conta Loke ao *Correio*. “Mas ele preferiu se infectar.”

Viagem

O homem viajou à Tailândia, onde é permitida a venda de vermes para fins terapêuticos e comprou ovos de *T. trichiura*, parasita que se alimenta da mucosa intestinal e, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, afeta 900 milhões de pessoas, principalmente na África e na Ásia. Primeiro, ele ingeriu 500 ovos, retirados de uma menina de 11 anos e cultivados in vitro. Três meses depois, engoliu mais mil ovos. No ano seguinte, estava livre da doença e de seus sintomas.

As imagens dos exames do pa-

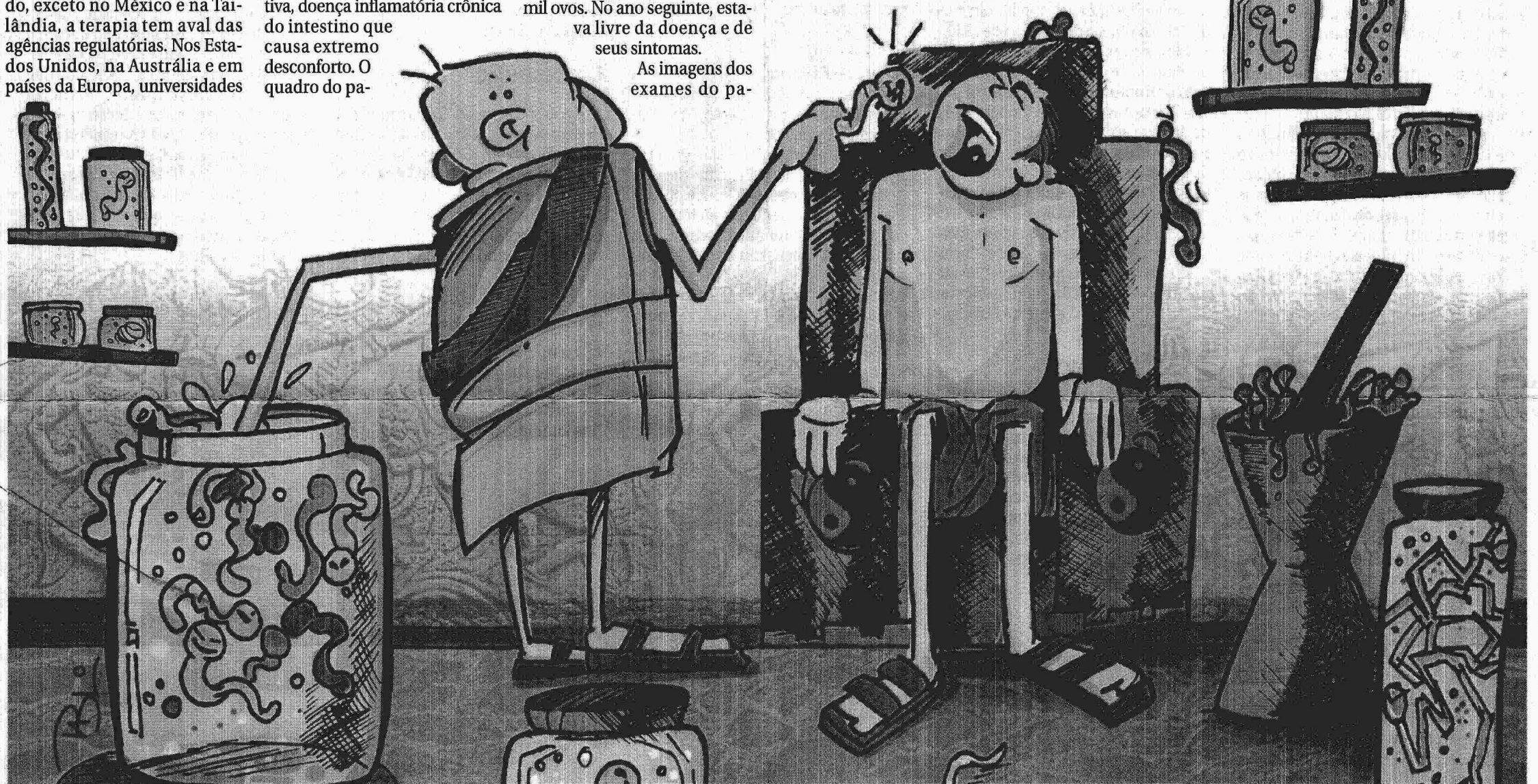
ciente são de embrulhar o estômago. Os vermes, que se parecem com pequenas minhocas brancas, passeiam livremente pelo cólon — mas não há sinais de inflamações. O tecido intestinal estava intacto, prova de que os parasitas não provocaram danos ao organismo. Durante três anos, a colite ulcerativa não o incomodou. Até que o número de vermes começou a diminuir, passando de 15 mil por grama para menos de 7 mil. A doença voltou, e o paciente decidiu se infectar novamente. Voltou a Tailândia e ingeriu, dessa vez, 2 mil ovos. Clinicamente, estava curado.

De acordo com Loke, a ideia de que vermes podem curar doenças autoimunes é antiga,

mas, até agora, não se sabia o porquê. “Nosso estudo sugere que a infecção com esse parasita aumenta ou restaura a produção de muco no cólon, promovendo alívio da doença”, diz. Quando analisaram as amostras de tecido do paciente, Loke e seus colegas da Universidade de Nova York descobriram um alto número de células CD4+T, que compõem o sistema imunológico e produzem uma proteína inflamatória chamada interleucina-17. Já os tecidos retirados depois da ingestão dos vermes, quando a doença estava em remissão, continham células produtoras da interleucina-22, uma importante substância na proteção do

muco. Para os cientistas, ao expelir o verme, o sistema imunológico aparentemente ativa células especializadas.

Embora deixe claro que não é um defensor da terapia com vermes, Loke acredita que mais pesquisas poderão levar ao desenvolvimento de tratamentos mais eficazes do que os remédios atuais — eles ainda não curam, apenas amenizam os sintomas. O especialista alerta, contudo, que testes com humanos só devem ser realizados depois de se confirmar a segurança da terapia.



Mais casos de sucesso

Vermes e outros parasitas não são, aparentemente, eficazes apenas no caso de doenças do aparelho digestivo. Na Universidade de Nottingham, na Inglaterra, cientistas usaram ratos selvagens para testar o papel de piolhos no combate à asma. “Muitos problemas de saúde são causados pela superativação das respostas imunológicas. O sistema imunológico deveria ser capaz de diferenciar

invasores estranhos de suas próprias células, mas, às vezes, ele erra, atacando o corpo, ou respondendo de forma exagerada a substâncias não nocivas. Nesse último caso, surgem as alergias”, diz ao *Correio* Jan Brandley, professora de parasitologia da universidade.

De acordo com ela, pouco se sabe sobre o sistema imunológico de mamíferos sob condições naturais, por isso, a equipe op-

tou por estudar ratos selvagens. Eles descobriram que um tipo de piolho, o *Polyplax serrata*, é capaz de suprimir a resposta imune que desencadeia alergias respiratórias, ao secretar alguma substância a partir da saliva, diretamente no animal. “Algo em nosso sistema imunológico mudou desde nossos bisavós. Principalmente nos países desenvolvidos. Não estou dizendo que infectar as pessoas com vermes seja algo bom, mas essas pesquisas podem levar à criação de novos remédios”, acredita.

Alergias na pele também parecem ser beneficiadas pela helmintoterapia. A instituição de pesquisa inglesa Wellcome

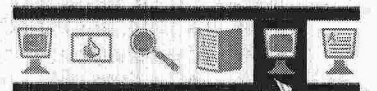
Trust financiou um estudo em Uganda, na África, com 2.507 grávidas e constatou que, quando elas eram tratadas com vermífugos, a chance de a criança nascer com eczemas aumentava. Os cientistas concluíram que a exposição a parasitas ainda no útero protege o bebê contra esse tipo de alergia, que, além de coceiras, pode provocar feridas graves na pele.

“Evidentemente, infecções por vermes podem afetar negativamente a saúde da pessoa, mas também há benefícios, no sentido de que modificam a resposta do sistema imunológico”, disse ao *Correio* Harriet Mpairwe, principal autora do estudo.

“No caso da pesquisa em Uganda, quase o dobro das crianças cujas mães foram tratadas com vermífugos desenvolveram eczema ou asma quando estavam mais velhas”, relata. “Antes de recomendarmos qualquer tratamento, porém, precisamos entender melhor por que isso acontece”, ressalta.

A texana Dayna Cook, 32 anos, é um exemplo de que nem sempre a terapia com vermes funciona. Estimulada por um fórum de discussões on-line, resolveu testar o método. Desde criança, a professora sofre de eczema e, em maio do ano passado, foi ao México para injetar sob a pele ovos de ancilóstomos, um verme

que vive naturalmente no intestino. “Meu caso é severo e já tentei de tudo, terapia com laser, fototerapia, diversos tipos de remédios”, disse ao *Correio*. A primeira inoculação foi de 35 ovos. Em maio passado, fez a terceira. “Vejo as pessoas comemorando seus resultados, mas, infelizmente, até agora não vi qualquer benefício. Ainda assim, tenho muita fé na helmintoterapia e ainda espero que minha história mude de curso.” (PO)



Assista ao trailer do curta-metragem *Parasites: a user's guide* (em inglês).